

A infância na civilização Inca

Maria Angela Barbato Carneiro

Sabemos que a infância é uma construção social criada pela sociedade moderna e que o seu reconhecimento parece, segundo Ariès (1978), ter se originado no século XII.

Embora outros historiadores não concordem com a tese do autor, não se pode negar que, graças a ele, é que se iniciaram os estudos sobre a criança e as maneiras como viveram em determinadas épocas e locais.

No entanto, as crianças existiram em todas as civilizações e a maneira como os adultos se relacionavam com elas variava de acordo como os costumes adotados pelo grupo. Isso não significa que elas foram mal tratadas, porém em alguns grupos havia a prática do infanticídio para o controle da natalidade e na forma de sacrifícios religiosos.

É importante ressaltar que o tratamento dedicado a elas em cada povo, tinha determinadas peculiaridades dependendo da classe social à qual os pequenos pertenciam.

Pode-se verificar que tal como os egípcios, os gregos e os romanos, a educação das crianças variava de acordo com a classe social a qual pertenciam, razão pela qual pouco se sabe sobre elas.

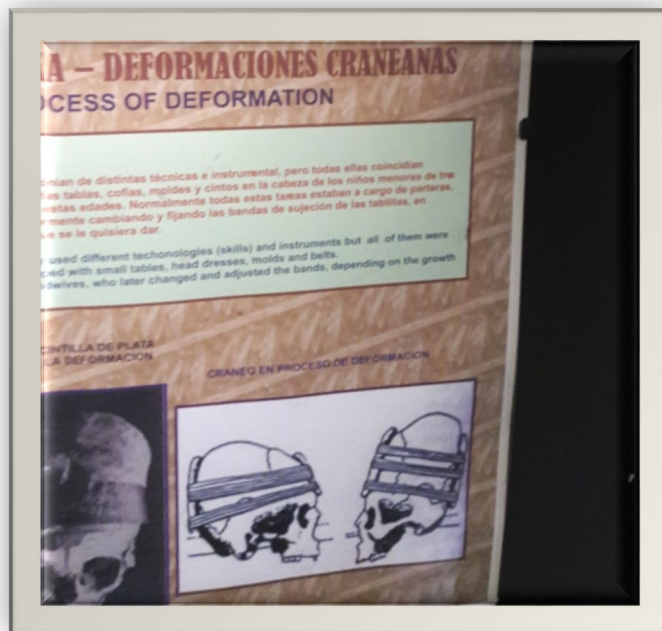
Os antigos habitantes do Peru eram os quíchuas entre os quais os Incas se constituíam na classe dominante, portanto, o pouco que se sabe sobre as crianças, refere-se à desse grupo particular, pois faziam parte da elite.

Ao nascerem, os pequenos Incas tinham o crânio comprimido entre duas pranchetas de madeira, uma na frente e outra atrás e que depois eram enfaixadas até quatro ou cinco anos, para dar à cabeça uma forma alongada. Tal operação se fazia acompanhar de uma série de superstições que envolviam ações executadas com certa imprudência de modo que a criança poderia morrer ou ficar ferida por toda a vida.



Processo de
deformação
craniana

Foto / acervo da
autora



Processo de
deformação
craniana

Foto/ acervo da
autora

Os pais não se contentavam apenas em alongar o crânio, mas colocavam, ainda, um tipo de chapéu sem abas alto e pontudo. A fabricação de tal adorno era acompanhada de ritos misteriosos. Em algumas tribos tal cerimonia era acompanhada pela raspagem do cabelo, porque tais ações estavam associadas à crença de que as crianças teriam mais

vigor físico e seriam mais capacitadas ao trabalho. A cabeça era considerada, portanto, um ponto crucial nas cerimônias e nos rituais sagrados.

O nascimento era acompanhado por uma série de cerimônias. Aos quarenta dias, por exemplo, os pequenos eram colocados em um berço de tábuas com quatro pés, denominado *quirau*.

Quando a mãe empreendesse alguma caminhada deveria carregar o berço com a ajuda de um casaco e poderia deixá-lo no sol enquanto saísse se afastasse. Uma grande festa ocorria aos dez anos, quando toda a família era convidada e os mais velhos dançavam e comiam. Era o momento em que a criança recebia um nome que seria considerado durante toda a vida.

Nessa ocasião ela era presenteada pelos pais, gesto que era imitado por parentes e amigos. Durante a cerimônia os pequenos eram consagrados ao sol, de modo que qualquer oferenda feita ao astro rei, quase sempre envolvia sacrifício de crianças.

Desde cedo os meninos, de qualquer classe social, deveriam acompanhar o pai em suas atividades, de modo que pudessem tornar-se homens viris e exímios guerreiros.

Inicialmente, eles eram instruídos no uso e na confecção de armas, ensino este que poderia ser dado por qualquer pessoa da família que fosse hábil guerreiro.

Inúmeras competições marcavam a puberdade, como, por exemplo, fazer um percurso da colina sagrada nas imediações de Cuzco, participar de maratona de onze ou doze quilômetros, entre outras atividades. Os vencedores eram premiados com roupas e adornos de plumas. Tal percurso tinha ao mesmo tempo um significado místico, religioso e, também, de divertimento.

Depois de inúmeros rituais era realizada a cerimônia principal, a perfuração das orelhas do príncipe, com uma agulha de ouro, recebendo depois os ornamentos que constituíam a característica principal da família Inca. Tal cerimônia era acompanhada de um banho em uma fonte sagrada, depois se retiravam para o terraço, perto do templo do Sol onde eram acolhidos por membros mais velhos da família.

Os jovens tornavam-se homens, prontos para servir o país.

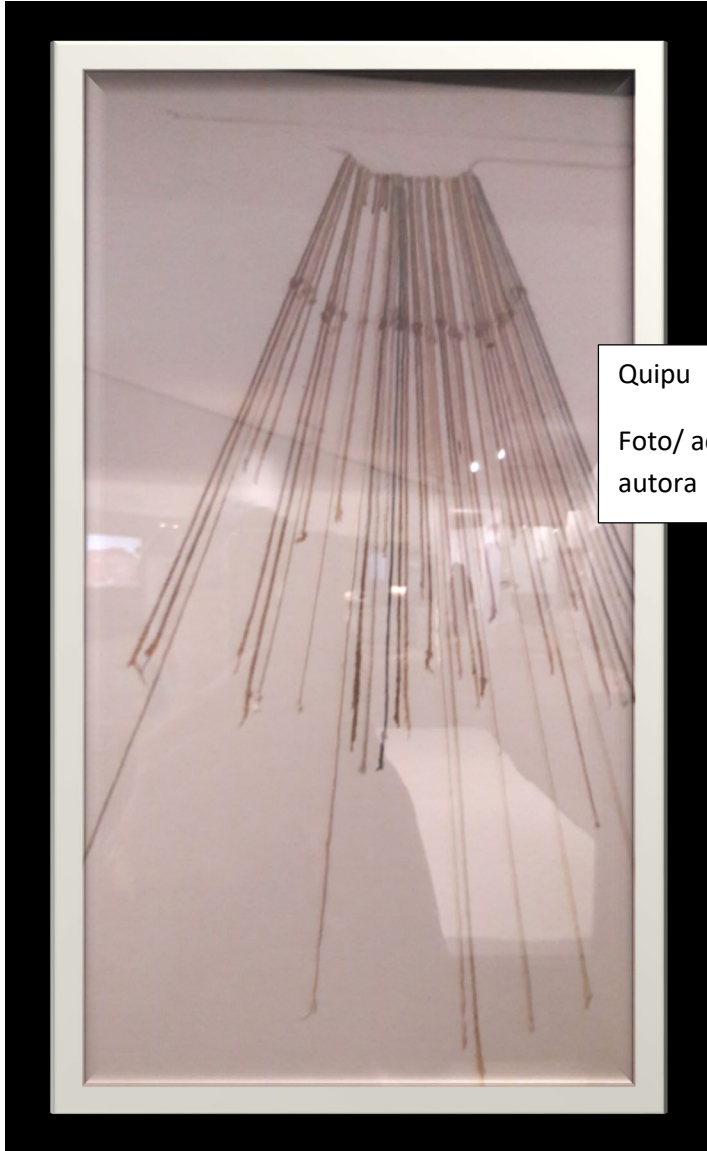
No caso das meninas, as festas da puberdade ocorriam entre 13 e 14 anos quando, então, eram consideradas como adultas. Elas aprendiam com suas mães todas as funções que deveriam cumprir.

De acordo com Karsten (1972), assim que surgiam os primeiros sinais da puberdade, deveriam se isolar e jejuar por três dias seguidos. Nos dois primeiros, não era permitido comer absolutamente nada, já no terceiro, podiam beber água e comer milho para não morrer de fome.

É importante ressaltar também, que segundo Prescott (1948) na elite as crianças gozavam de uma educação privilegiada, ficando sob os cuidados dos sábios, com os

quais aprendiam vários conhecimentos, sobretudo aqueles relacionados à sua posição social.

Os mestres, denominados *amautas*, ensinavam os nobres a falar com pureza e elegância e a familiarizar-se com a misteriosa ciência dos *quipus*.



Quipu

Foto/ acervo da
autora

Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da família. Rio de Janeiro: LTD, 1978.

KARSTEN, Rafaël. La civilisation de l'empire Inca. Paris: Payot, 1972.

PRESCOTT, Wiliam H. História da conquista do Peru. Rio de Janeiro: Pongetti, 1946.

